

Diáspora e (re)criação da memória em três contos de Ana Menéndez

Maria Cláudia Simões¹

RESUMO: Este artigo objetiva investigar questões relacionadas à diáspora contemporânea cubana nos contos “In Cuba I was a German shepherd”, “The party”, e “Her mother’s house”, da escritora cubano-americana Ana Menéndez, analisando o papel desempenhado pela memória e sua (re)criação em uma comunidade diaspórica contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora, Memória, Comunidade cubano-americana

Bill Clinton morreu e seu corpo foi congelado. Ao ser descongelado no ano de 2105, Clinton deseja saber o que aconteceu no mundo durante esse tempo. Um judeu lhe diz que agora todos vivem em paz no Oriente Médio e um irlandês lhe conta que as duas Irlandas se unificaram harmoniosamente. Quando Clinton pergunta a um cubano como andam as coisas em Cuba, ele lhe responde: “Eu tenho certeza de que qualquer dia desses Fidel Castro cai”. (Ana Menéndez, *In Cuban I was a German shepherd*. Adaptado.)

A anedota acima pode ser vista como uma representação da imagem criada em torno de Fidel Castro e de sua permanência no governo cubano. Especialmente se contada por um exilado cubano, tal piada ilustra ainda a significativa conexão estabelecida entre indivíduos cubanos deslocados e sua terra natal. A anedota em questão, que será retomada em mais

¹ Doutoranda em Ciência da Literatura do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

detalhes oportunamente neste trabalho, figura no conto que abre a coletânea *In Cuba I was a German Shepherd* (2001), da escritora cubano-americana Ana Menéndez.

Filha de exilados cubanos que fugiram para os Estados Unidos na década de 1960, Ana Menéndez ilustra a forte ligação com a ilha que pode estar presente em membros dessa comunidade diaspórica, nascidos ou não em Cuba. Abordando sujeitos com origem cubana que habitam os Estados Unidos, a obra de Ana Menéndez contribui para a reflexão sobre a questão da diáspora cubana contemporânea, lançando mão das ricas e inúmeras possibilidades de (re)criação da memória. *In Cuba I was a German Shepherd* é uma coletânea de contos que apresentam temas ou personagens inter-relacionados. Na obra, encontramos algumas representações das diferentes maneiras de como exilados cubanos em Miami podem lidar com sua condição de sujeitos diaspóricos. Inseridos em um novo contexto social, no qual, por vezes, são considerados cidadãos de segunda classe, indivíduos diaspóricos acabam por voltarem, de forma concreta ou através da memória, a suas origens e a seu passado como uma maneira tanto de sobreviver ao presente quanto de poder vislumbrar um futuro.

O termo diáspora, que era relacionado principalmente à dispersão judia, grega e armênic, possui atualmente uma maior abrangência semântica, apresentando relação com comunidades que tenham vivenciado dispersão e preservem memórias de sua terra natal. Em “Diasporas”, James Clifford afirma que as principais características da diáspora são “uma história de dispersão, mitos/memórias da terra natal, alienação no país anfitrião (anfitrião ruim?), desejo por um retorno final, apoio contínuo da terra natal, e uma identidade coletiva importantemente definida por este relacionamento.”² (CLIFFORD, 1997, p. 247. Tradução minha.)

É importante reconhecer que não necessariamente todas as características anteriormente descritas estejam presentes em todas as experiências diaspóricas. Cada grupo e cada indivíduo podem ser submetidos a experiências específicas que contribuem para a construção de seu ser. Stuart Hall argumenta que é necessário reconhecer que “todos nós falamos de um lugar específico, de uma história específica, de uma experiência específica, uma cultura específica.”³ (HALL, 1997a, p. 227. Tradução minha.) Hall acrescenta que “Todos nós estamos, nesse sentido, *eticamente* localizados e nossas identidades étnicas são cruciais para o nosso senso subjetivo de quem somos nós.”⁴ (HALL, 1997a, p. 227. Itálico no original. Tradução minha.)

² Texto original: “a history of dispersal, myths/memories of the homeland, alienation in the host (bad host?) country, desire for eventual return, ongoing support of the homeland, and a collective identity importantly defined by this relationship.” (CLIFFORD, 1997, p. 247)

³ Texto original: “we all speak from a particular place, out of a particular history, out of a particular experience, a particular culture.” (HALL, 1997a, p. 227)

⁴ Texto original: “We are all, in that sense, *ethnically* located and our ethnic identities are crucial to our subjective sense of who we are.” (HALL, 1997a, p. 227. Italics in the original.)

Diferentes experiências e histórias contribuem para a formação das identidades, e o deslocamento do indivíduo para um novo ambiente desempenha um relevante papel nessa construção.

Em seu processo de negociação com esse novo contexto social, sujeitos diaspóricos podem procurar (re)construir seu passado à luz de elementos memorialísticos, voltando-se não somente para a sua própria história, mas também para a do grupo a que pertencem. De acordo com María de los Angeles Torres, “O exílio, enquanto uma separação física forçada, oferece contato com pontos de referência familiares que contribuem para a criação e sustentação da memória.”⁵ (TORRES, 2003a, p. 11. Tradução minha.) Nos textos literários selecionados para investigação no presente trabalho, podemos observar uma representação do processo descrito por Torres.

Este artigo objetiva investigar questões relacionadas à diáspora contemporânea cubana nos contos “In Cuba I was a German shepherd”, “The party”, e “Her mother’s house”, da coletânea *In Cuba I was a German Shepherd* (2001), da escritora cubano-americana Ana Menéndez, analisando o papel desempenhado pela memória e sua (re)criação em uma comunidade diaspórica contemporânea.

O primeiro conto da obra, “In Cuba I was a German shepherd”, que dá nome à coletânea, apresenta Máximo, um cubano de idade avançada, antigo dono de restaurante, que regularmente joga dominó no Domino Park em Little Havana, em Miami, com seus amigos, também de origem caribenha. Como há uma considerável concentração de cubanos na área, turistas dirigem-se ao local e tiram fotos como se Máximo e seus amigos fossem um espetáculo a ser registrado pelas câmeras. Vale a pena observar que o nome oficial de Domino Park é Máximo Gomez Park, informação esta que não figura no conto. O local recebeu este nome em homenagem ao dominicano Máximo Gomez (1836-1905), que fora oficial no exército espanhol, mas que abraçou a causa revolucionária cubana, liderando forças rebeldes militares nas Guerras de Independência de Cuba: a Guerra dos Dez Anos ou Primeira Guerra de Independência (1868-1878) e a Segunda Guerra de Independência (1895-1898) (STATEN, 2003, p. 143).

É interessante observar, em relação à figura histórica de Máximo Gomez, sua carta ao

⁵ Texto original: “Exile as a forced physical separation serves contact with the familiar points of reference that contribute to the creation and sustenance of memory.” (TORRES, 2003a, p. 11)

oficial espanhol Ramón Blanco em resposta à proposta de Blanco, em 1898, de unir forças entre Cuba e a Espanha contra os Estados Unidos e a sua intervenção em solo cubano. Ao recusar a proposta, Máximo Gomez demonstra ver com bons olhos a atuação do governo norte-americano em Cuba: “A Espanha tem se portado mal aqui [em Cuba] e os Estados Unidos estão desenvolvendo por Cuba um dever de humanidade e civilização. (...) Até agora só tenho tido motivos de admiração em relação aos Estados Unidos.”⁶ (Máximo Gomez apud THOMAS, 2005, p. 275. Tradução minha.) Em sua carta a Blanco, Gomez acrescenta que escreveu ao presidente norte-americano à época, William McKinley, agradecendo a intervenção americana, e completa: “Não vejo o perigo de que os Estados Unidos nos extermine, [o perigo] do qual o senhor fala (...). Se isso chegará a acontecer, a história julgará.”⁷ (Máximo Gomez apud THOMAS, 2005, p. 275. Tradução minha.)

Hugh Thomas considera que, com essa carta, Máximo Gomez selou a sorte da Espanha no Novo Mundo e também a de Cuba (THOMAS, 2005, p. 275). Thomas observa que “[Este] foi o ato decisivo de boas-vindas aos Estados Unidos que condicionou a história cubana nos sessenta anos seguintes.”⁸ (THOMAS, 2005, p. 275. Tradução minha.) A carta de Máximo Gomez pode ser vista como um símbolo de um abraçamento à sociedade norte-americana. Ironicamente, o personagem Máximo de Ana Menéndez não se sentirá acolhido não apenas nos limites do parque que leva o nome de seu homônimo histórico mas também no país no qual o cubano procurou por abrigo.

No conto, Máximo lembra que, ao fugir de Cuba aos 36 anos de idade, teve que trabalhar vendendo comida aos cortadores de cana-de-açúcar em Miami, uma vez que ele estava velho demais para tal trabalho e, também, porque sua titulação acadêmica nada significava nos Estados Unidos. A fim de sobreviver e de ser capaz de sustentar sua família em Miami, Máximo, que em Cuba ocupava o cargo de professor na Universidade de Havana, havia tentado ser motorista de táxi em solo norte-americano, mas os nomes das ruas em inglês o confundiam. Ao deixar sua terra natal, passando a habitar um novo ambiente, Máximo viu-se, então, em uma posição considerada social e economicamente inferior. É interessante observar que o nome do personagem, Máximo, por si só invoca grandiosidade e importância. No conto, ironicamente, não apenas a estatura de Máximo é baixa, mas, também, a condição de prestígio que desfrutava em Cuba foi consideravelmente reduzida em sua experiência de exilado.

⁶ Texto original: “España se ha portado mal aquí [en Cuba] y Estados Unidos está llevando a cabo por Cuba un deber de humanidad y civilización (...) Hasta ahora solo he tenido motivos de admiración respecto a Estados Unidos.” (Máximo Gomez apud THOMAS, 2005, p. 275)

⁷ Texto original: “No veo el peligro de que Estados Unidos nos extermine, [el peligro] del cual usted habla (...). Si eso llegará a pasar, la historia juzgará.” (Máximo Gomez apud THOMAS, 2005, p. 275)

⁸ Texto original: “[Eso] fue el decisivo acto de bienvenida a Estados Unidos que condicionó la historia cubana en los sesenta años siguientes.” (THOMAS, 2005, p. 275)

Com o passar dos anos, Máximo consegue prosperar a ponto de ter o seu próprio, ainda que pequeno, restaurante, mas continuam profundas as marcas causadas por sua condição de sujeito deslocado. No parque, Máximo frequentemente conta aos amigos piadas que envolvem sua terra natal, demonstrando forte ligação com suas origens e uma significativa sensação de perda, sentimento este presente em muitos sujeitos diaspóricos. Discutindo a diáspora cubana contemporânea, María de los Angeles Torres observa que o sentimento de perda pode ser tamanho a ponto de o exilado sentir necessidade de um retorno físico à sua terra natal. Incluindo a si mesma nessa situação, María de los Angeles Torres declara: “A necessidade de retorno era poderosa. Era a solução à incoerência que todos nós sentíamos, ao tremendo senso de perda que atormentava nossas memórias.”⁹ (TORRES, 2003b, p. 36. Tradução minha.) Esse sentimento de perda pode ser percebido no personagem Máximo, uma vez que suas piadas demonstram sua nostalgia em relação a Cuba, exibindo uma atmosfera melancólica e, ao mesmo tempo, ansiosa no que concerne à situação política de sua terra natal.

Retomando a anedota que iniciou este artigo, observamos mais detalhadamente alguns elementos dessa piada, a primeira a figurar no conto. Ao ter seu corpo descongelado ano de 2105, curioso sobre os acontecimentos no mundo durante o período de seu congelamento, o ex-presidente norte-americano Bill Clinton indaga um judeu sobre o Oriente Médio e recebe a resposta de que todos se relacionam bem agora. Em seguida, Clinton questiona um irlandês sobre a Irlanda do Norte, obtendo a resposta de que agora existe apenas uma Irlanda e que todos vivem em paz. Então, o antigo presidente norte-americano dirige-se a um cubano e pergunta: “*Compadre*, how are things in Cuba these days?”¹⁰ (MENÉNDEZ, 2001, p. 4) Ao que o cubano responde: “Let me tell you, my friend, I can feel it in my bones. Any day now Castro’s gonna fall.”¹¹ (MENÉNDEZ, 2001, p. 4) Uma leitura dessa primeira piada que figura no conto pode focalizar a sensação, possivelmente angustiante para um exilado, de permanência eterna do presidente cubano. A mesma leitura pode também focalizar a eterna esperança dos exilados cubanos de que um golpe possa vir, a qualquer momento, derrubar o governo de Castro.

Ao mesmo tempo em que parecem se ressentir de um infundável governo em sua terra natal, os exilados cubanos também parecem sonhar com uma significativa alteração no cenário político cubano, que possibilite seu retorno a Cuba. No conto de Menéndez, Máximo, na piada anteriormente descrita, parece desvelar a culpabilidade a que muitos exilados cubanos podem atribuir à revolução de 1959. Tanto para os que partiram quanto para os que ficaram em Cuba, a revolução, que pode ser personificada na figura de Fidel Castro, é, em última análise, a

⁹ Texto original: “The need to return was powerful. It was the solution to the incoherence that we all felt, to the tremendous sense of loss that haunted our memories.” (TORRES, 2003b, p. 36)

¹⁰ “Compadre, como estão as coisas em Cuba esses dias?” (MENÉNDEZ, 2001, p. 4. Tradução minha.)

¹¹ “Deixe-me contar-lhe, meu amigo, eu posso sentir em meus ossos. Qualquer dia agora Castro irá cair.” (MENÉNDEZ, 2001, p. 4. Tradução minha.)

responsável, positiva ou negativamente, pela situação desses indivíduos. Embora muitos possam ter considerado que a saída de Castro da posição de presidente de Cuba resultasse em mudanças radicais na paisagem política e econômica cubana, mudanças dessa magnitude não ocorreram quando o irmão de Castro assumiu a presidência do país em fevereiro de 2008. Em suas primeiras palavras como presidente, Raúl Castro prometeu consultar o irmão em toda decisão importante. (McKINLEY JR., 2008)

Mesmo separados fisicamente de seu país de origem, exilados cubanos permanecem, de alguma maneira, ligados à vida política em Cuba. Sonia Torres observa que “a comunidade [cubana] segue atenta a qualquer sinal de mudança política na ilha, dando continuidade à tradição cubana de monitorar a vida política de Cuba a partir dos EUA”. (TORRES, 2001, p. 128) A piada contada por Máximo no parque sobre a situação de Cuba no ano de 2105 demonstra quão atentos às condições políticas de seu país de origem permanecem muitos dos sujeitos diaspóricos, neste caso específico, os exilados cubanos em Miami.

Considerando a expressiva presença de exilados cubanos em Miami, Sonia Torres acrescenta que Miami se tornou “o repositório da memória política da ilha”. (TORRES, 2001, p. 128) Recordar o passado vivido na terra natal acaba por ser uma constante em sujeitos diaspóricos. James Clifford observa que as culturas da diáspora “mediam, em uma vívida tensão, as experiências de separação e entrelaçamento, de viver aqui e lembrar/desejar um outro lugar.”¹² (CLIFFORD, 1997, p. 255. Tradução minha.) Nessa tensão vivenciada por sujeitos diaspóricos, a imagem da terra natal pode ser construída de maneira destorcida, oferecendo, de certa forma, uma zona de conforto a tais de indivíduos. Apoiando-se ainda nas lembranças do grupo, sujeitos deslocados (re)criam seu próprio passado. No conto de Ana Menéndez, o restaurante de Máximo fornece um ambiente propício para a rememoração:

There, a generation of former professors served black beans and rice to the nostalgic. When Raúl showed up in Miami one summer looking for work, Máximo added one more waiter’s spot for his old acquaintance from L Street. Each night, after the customers had gone, Máximo and Rosa [his wife, now deceased] and Raúl and Havana’s old lawyers and bankers and dreamers would sit around the biggest table and eat and talk and sometimes, late in the night after several glasses of wine, someone would start the stories that began with “In Cuba I remember.”¹³ (MENÉNDEZ, 2001, p. 7)

¹² Texto original: “[Diaspora cultures] mediate, in a lived tension, the experiences of separation and entanglement, of living here and remembering/desiring another place.” (CLIFFORD, 1997, p. 255)

¹³ “Lá, uma geração de antigos professores serviam feijão preto e arroz à nostalgia. Quando Raúl apareceu em Miami em um verão procurando por trabalho, Máximo adicionou mais lugar de garçom para

A necessidade de lembrar o passado, ou melhor, de (re)criar o passado é constante em sujeitos deslocados. Além disso, a partir de suas narrativas, ainda pode ser inferido um desejo por um eventual retorno ao solo de origem. Na segunda piada contada por Máximo, pode-se perceber vestígios de um desejo por um retorno. Nela, Fidel Castro quer entrar em contato com os jovens cubanos e decide ir a uma escola em Havana. Após arrumar-se cuidadosamente, Castro dirige-se a um colégio e senta-se em algumas salas de aula e anda pelos corredores. Quando finalmente está na hora de deixar o estabelecimento, Castro dá-se conta de que não falou com aluno algum. Então, o presidente cubano dirige-se rapidamente aos estudantes presentes, que o saúdam aos gritos de “Comandante!”, puxa de lado um menino chamado Pepito e lhe faz algumas perguntas:

‘And tell me, Pepito, what do you think of the revolution?’ ‘*Comandante,*’ Pepito says, ‘the revolution is the reason we are all here.’ ‘Ah, very good, Pepito. (...) And tell me, Pepito, what would you like to be when you grow up?’ Pepito smiles and says, ‘*Comandante,* I would like to be a tourist.’¹⁴ (MENÉNDEZ, 2001, p. 16)

Primeiramente, pode-se observar que a frase de Pepito, “a revolução é a razão pela qual nós estamos todos aqui”, se apresenta de maneira dúbia, uma vez que, no fim da piada, o menino demonstra não estar satisfeito com a vida em Cuba, responsabiliza a revolução pelas condições do país, e expressa o desejo de poder gozar a situação privilegiada de um turista em Cuba ou, mesmo, de poder ser um turista em visita ao exterior. Ao apresentar-se com duplo sentido, a anedota ainda implica que Castro não seria tão perspicaz a ponto de perceber tal crítica. É interessante ainda apontar que, ao desejo de uma partida de sua terra natal, já parece estar acoplada a ansiedade por um eventual retorno, mesmo que não definitivo. Além disso, a piada vincula a imagem mítica que pode ser criada em torno da vida fora de Cuba, pois não leva em consideração os desafios também enfrentados por aqueles que deixam a ilha. Curiosamente,

seu velho conhecido da Rua L. Toda noite, depois de os clientes irem embora, Máximo e Rosa [sua esposa, agora falecida] e Raúl e antigos advogados e banqueiros e sonhadores de Havana sentavam ao redor da maior mesa e comiam e conversavam e às vezes, tarde da noite após várias taças de vinho, alguém iniciava as estórias que começavam com ‘Em Cuba eu me lembro.’”(MENÉNDEZ, 2001, p. 7. Tradução minha.)

¹⁴ “‘E diga-me, Pepito, o que você acha da revolução?’ ‘Comandante, a revolução é a razão pela qual nós estamos todos aqui.’ ‘Ah, muito bom, Pepito. (...)’ ‘E conte-me, Pepito, o que gostaria de ser quando crescer?’ Pepito sorri e diz, ‘Comandante, eu gostaria de ser um turista.’”(MENÉNDEZ, 2001, p. 16. Tradução minha.)

ao deparar-se com a nova realidade do exílio, sujeitos deslocados podem transferir para sua terra natal a imagem mitificada de um país desejável.

A terceira e última piada apresentada no conto por Máximo ilustra mais significativamente o nostálgico olhar lançado ao solo de origem. É oportuno sinalizar que Domino Park, como Máximo Gomez Park é informalmente chamado, é considerado um ponto de encontro de cubanos em Little Havana, Miami. Sonia Torres observa: “Ao passarmos pelo parque, a qualquer hora do dia, vemos dezenas de cubanos, geralmente da primeira geração de exilados, jogando dominó.” (TORRES, 2001, p. 130) Mesmo que não intencionalmente, o expressivo número de caribenhos, especialmente cubanos, jogando dominó em Domino Park, pode ter fomentado a atmosfera de atração turística que o espaço adquiriu.

No conto de Menéndez, pode-se perceber um caráter de quase teatralidade que paira em Domino Park, provavelmente contribuindo para que o personagem Máximo se sinta ainda mais humilhado. Quando Máximo começa a contar a terceira e última piada, ele é constantemente interrompido por seus amigos, que parecem não perceber a seriedade presente na anedota que se desenrola. Depois de Máximo desistir de prosseguir com a piada, turistas chegam ao parque para observar Máximo e os outros jogadores de dominó como se eles fossem serem bizarros e estranhos àquele ambiente, marcando, de certa forma, o não pertencimento de tais indivíduos no país de destino.

Enquanto Máximo se sente humilhado com a situação, os outros jogadores não se importam e alguns até mesmo agem teatralmente para o público, o que irrita o cubano ainda mais: “The worst part was how the other men acted out for them [the tourists]. (...) And now they were shouting at each other and gesturing. A few of the men had even brought cigars, and they dangled now, unlit, from their mouths.”¹⁵ (MENÉNDEZ, 2001, p. 24) Pode-se observar também que alguns jogadores ainda reforçam e perpetuam o estereótipo ao fazerem questão de utilizar charutos, mesmo que apagados, para a encenação.

Mais do que se sentir como cidadão de segunda classe em solo norte-americano, Máximo sente-se como um animal exposto à visitação: “‘You see, Raúl,’ Máximo said. ‘You see how we’re a spectacle?’ He felt like an animal and wanted to growl and cast about behind the metal fence. (...) ‘A goddamn spectacle. A collection of old bones,’ Máximo said.”¹⁶

¹⁵ “A pior parte era como os outros homens encenavam para eles [os turistas]. (...) E agora eles estavam gritando uns com os outros e gesticulando. Alguns dos homens até mesmo haviam comprado charutos, e eles pendiam, apagados, de suas bocas.” (MENÉNDEZ, 2001, p. 24. Tradução minha.)

¹⁶ “‘Veja, Raúl,’ Máximo disse. ‘Você vê como nós somos um espetáculo?’ Ele se sentiu como um animal e queria rosnar e lançar-se às grades de metal. (...) ‘Um maldito espetáculo. Uma coleção de ossos velhos,’ Máximo disse.” (MENÉNDEZ, 2001, p. 24. Tradução minha.)

(MENÉNDEZ, 2001, p. 24) Embora os amigos de Máximo e os outros jogadores pudessem não considerar tal situação como ofensiva, é difícil negar os contornos circenses que os jogos e a visita pública adquiriram, como pode ser inferido nas palavras do guia turístico:

“This here is Domino Park,” came the amplified voice in English, then Spanish. “No one under fifty-five allowed, folks. But we can sure watch them play.” (...) “Most of these men are Cuban and they’re keeping alive the tradition of their homeland,” the amplified voice continued (...). “You see, in Cuba, it was very common to retire to a game of dominos after a good meal. It was a way to bond and build community. Folks, you here are seeing a slice of the past. A simpler time of good friendships and unhurried days.”¹⁷
(MENÉNDEZ, 2001, p. 25)

Nas palavras do guia turístico, pode-se perceber a imagem destorcida que foi construída pela sociedade dominante em relação à comunidade cubana. Ao pronunciar-se desta forma, o guia age como se entendesse a situação de tais imigrantes não somente nos Estados Unidos, mas também em sua terra de origem. Além disso, o uso do microfone corrobora o viés de espetáculo que a visita fornece.

Ao ouvir as palavras do guia turístico, Máximo não consegue se controlar e tem um momento de fúria, agarrando-se na cerca como um animal enjaulado e gritando contra os turistas, que parecem pensar que sua atitude faça parte do espetáculo. No dia seguinte a esse episódio com os turistas no parque, Máximo retoma a piada. Desta vez, seus amigos não ousam importuná-lo. Nela, um cachorrinho cubano, Juanito, é desprezado por uma cadelinha americana. Nessa anedota, pode-se perceber a profunda dor e o sentimento de humilhação que Máximo carrega, como pode ser inferido em suas palavras ao narrar o diálogo entre Juanito e a cadelinha norte-americana:

“So Juanito says, ‘I would like to marry you, my love, and have gorgeous puppies with you and live in a castle.’ Well, all this time the white poodle has her snout in the air. She looks at Juanito and says, ‘Do you have any idea who you’re talking to? I am a refined breed of considerable class and you are nothing but a short, insignificant mutt.’ Juanito is stunned for a moment (...).

¹⁷ “‘Este aqui é o Domino Park,’ veio a voz amplificada em inglês, em seguida em espanhol. ‘Não é permitido ninguém com menos de cinquenta e cinco anos de idade, pessoal. Mas, com certeza, podemos vê-los jogar.’ (...) ‘A maioria desses homens é cubana e eles estão mantendo viva a tradição de sua terra natal,’ a voz amplificada continuou (...). ‘Vejam, em Cuba, era muito comum jogar dominó após uma boa refeição. Era uma maneira de relacionar-se e construir uma comunidade. Pessoal, vocês aqui estão vendo um pedaço do passado. Uma época mais simples de boas amizades e de dias sem pressa.’ (MENÉNDEZ, 2001, p. 25. Tradução minha.)

He's a proud dog, you see, and he's afraid of his pain. 'Pardon me, your highness,' Juanito the mangy dog says. 'Here in America, I may be a short, insignificant mutt, but in Cuba I was a German shepherd.'¹⁸ (MENÉNDEZ, 2001, p. 28)

O diálogo entre os cachorrinhos ilustra a condição de cidadãos de segunda classe a que indivíduos diaspóricos podem ser submetidos. Mesmo atordoado, Juanito tenta responder à altura à desconcertante e humilhante declaração da pequena poodle. Ao fazê-lo, Juanito já demonstra o caráter nostálgico em relação a Cuba e à sua posição de outrora. Como que falando de si mesmo através das palavras de Juanito, Máximo, ao término da piada, não consegue esconder as lágrimas: "Máximo turned so the men [his friends] would not see his tears."¹⁹(MENÉNDEZ, 2001, p. 29)

Apesar de os amigos de Máximo parecerem perceber a situação, eles não abordam o assunto. O conto termina com Máximo e seus amigos servindo, mais uma vez, de espetáculo para os turistas: "When the wind eased, Máximo tilted his head to listen. He heard something stir behind him, someone leaning heavily on the fence. He could almost feel the breath. His heart quickened. 'Tell them to go away,' Máximo said. 'Tell them, no pictures'."²⁰ (MENÉNDEZ, 2001, p. 29) A dor que Máximo carrega parece fomentar nele o desenvolvimento de um sentimento nostálgico em relação à sua terra natal. De certa maneira, essa dor pode, em última análise, contribuir para a (re)criação de suas memórias, alterando até mesmo suas próprias percepções das experiências já vividas. Sujeitos diaspóricos, especialmente os que não sejam provenientes dos grandes centros hegemônicos, podem ser posicionados à margem da sociedade. Obras literárias que abordem a questão da diáspora podem fornecer um relevante instrumento de reposicionamento desses indivíduos ex-cêntricos, utilizando aqui o termo cunhado por Linda Hutcheon (2000).

O sentimento de não pertencimento à nova sociedade e a imagem mítica que é

¹⁸ "Então Juanito diz, 'Eu gostaria de casar com você, meu amor, e ter lindos cachorrinhos com você e viver em um castelo.' Bem, todo este tempo a poodle branca ficou com o focinho no ar. Ela olha para Juanito e diz, 'Você tem alguma ideia com quem você está falando? Eu sou de uma raça refinada de uma classe considerável e você não é nada, exceto um vira-lata pequeno e insignificante. Juanito fica atordoado por um momento (...). Ele é um cão orgulhoso, veja, e ele tem medo de sua dor. 'Perdoe-me, vossa alteza,' Juanito, o cão sarnento, diz. 'Aqui na América, eu posso ser um vira-lata pequeno e insignificante, mas em Cuba eu era um pastor alemão'."¹⁸ (MENÉNDEZ, 2001, p. 28. Tradução minha.)

¹⁹ "Máximo virou para que os homens [seus amigos] não vissem suas lágrimas." (MENÉNDEZ, 2001, p. 29. Tradução minha.)

²⁰ "Quando o vento diminuiu, Máximo inclinou a cabeça para ouvir. Ele ouviu algo mover-se atrás dele, alguém apoiando-se fortemente na cerca. Ele quase podia sentir a respiração. Seu coração acelerou. 'Digam-lhes para ir embora', disse Máximo. "Digam-lhes, sem fotos. "" (MENÉNDEZ, 2001, p. 29. Tradução minha.)

construída em relação ao país de origem podem contribuir para a nostalgia de Máximo bem como a de outros sujeitos diaspóricos em relação à terra natal. Segundo María Cristina García, “A vida no exílio os tornou [os imigrantes cubanos] nostálgicos e introspectivos, até mesmo deprimidos, e eles procuravam maneiras de lembrar e celebrar o passado, reforçar seus sentimentos de nacionalismo, e acentuar sua identidade.”²¹ (GARCÍA, 1996, p. 90. Tradução minha.) Lembrando o passado com a visão do presente, exilados podem acabar por adicionar, retirar, (re)moldar, elementos a eventos ocorridos na terra natal, mas que são produzidos em meio à marginalização que sofrem no momento da rememoração. Assim, as lembranças do solo materno podem receber um caráter totalmente novo à luz de sua condição diaspórica, pois, como Ecléa Bosi afirma, “[na] maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” (BOSI, 1987, p. 17)

Na coletânea selecionada, Menéndez retoma o personagem Máximo no conto “The party”. O conto é ambientado em uma festa de recepção oferecida por Máximo, em seu restaurante, a Joaquin Rivera, amigo de longa data do grupo. Este conto é o décimo na coletânea apesar de ser cronologicamente anterior ao primeiro conto, que apresenta Máximo e seus amigos no Domino Park, em Little Havana. A abertura da coletânea com o conto “In Cuba I was a German shepherd” pode ser lida como uma representação da significativa nostalgia que pode abater sujeitos diaspóricos, oferecendo ao leitor, já em seu primeiro encontro com o texto, um rico panorama das possíveis angústias e melancolia que podem acometer indivíduos que partem de suas terras natais.

“The party” apresenta um narrador em terceira pessoa, mas gira em torno de Ernesto, um dos amigos de Máximo, e de suas lembranças sobre o seu próprio passado, lembranças essas que se entrelaçam com as de outros membros do grupo. Aguardando a chegada do homenageado ao restaurante, Ernesto percebe que os indivíduos podem ter diferentes lembranças dos mesmos eventos nos quais todos estiveram envolvidos. No decorrer do conto, são oferecidas ao leitor várias possibilidades de perceber que a memória individual, como Maurice Halbwachs nos alerta, não permanece “inteiramente isolada e fechada”. (HALBWACHS, 2008, p. 72) Halbwachs argumenta que: “Para evocar o seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras pessoas, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade.” (HALBWACHS, 2008, p. 72) De acordo com Maurice Halbwachs, “Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e

²¹ Texto original: “Life in exile made them [Cuban immigrants] nostalgic and introspective, even depressed, and they looked for ways to remember and celebrate the past, reinforce their feelings of nationalism, and stress their identity.” (GARCÍA, 1996, p. 90)

também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias relativas a ele permaneçam obscuras para nós.” (HALBWACHS, 2008, p. 29) Ao serem, de alguma forma, corroboradas por outros membros do grupo, as nossas lembranças adquirem maior credibilidade para nós mesmos.

Halbwachs observa o caráter coletivo da memória, destacando que, por mais que a memória do indivíduo possa parecer pessoal, ela é construída por meio de relações sociais, denominadas por ele de quadros sociais da memória. Halbwachs lembra que “se nós examinarmos um pouco mais de perto como nós nos lembramos das coisas, nós certamente perceberemos que o maior número de nossas lembranças retorna a nós quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens as recordam para nós.”²² (HALBWACHS, 1952, p. vi. Tradução minha.)

Especialmente indivíduos que deixaram sua terra natal para trás e se estabeleceram em uma nova sociedade podem recorrer às lembranças do grupo formado no exílio a fim de tentar resgatar o seu próprio passado. Como Halbwachs acrescenta, “é na sociedade que, normalmente, o homem adquire suas memórias, das quais ele se recorda, e, como se diz, as quais ele reconhece e localiza.”²³ (HALBWACHS, 1952, p. vi. Tradução minha.) No caso de sujeitos diaspóricos, estes podem recorrer às lembranças de outros até mesmo para (re)criar a sua própria memória em relação ao seu país de origem, uma vez que os membros da comunidade formada nessa nova sociedade anfitriã já se estabelecem como um grupo que compartilha um passado comum. Na diáspora cubana, por exemplo, como Sonia Torres nos lembra, “independentemente do espaço geográfico que ocupem, todos os cubanos estão inevitavelmente ligados por um passado comum.” (TORRES, 2001, p. 160)

É interessante observar que esse passado comum pode ser registrado de diversas formas por cada indivíduo. Assim, um mesmo episódio pode ser percebido diferentemente pelas diversas pessoas presentes na cena. No conto “The party”, pode-se encontrar um retrato desse tipo de situação. Ao conversar com Máximo enquanto todos aguardam a chegada de Joaquin, Ernesto conta-lhe que estava se recordando outro dia da viagem que haviam feito a Varadero, em Cuba. No diálogo entre eles, pode-se notar que os dois amigos não se lembram do ocorrido da mesma maneira:

²² Texto original: “Mais si nous examinions d'un peu plus près de quelle façon nous nous souvenons, nous reconnaîtrions que, très certainement, le plus grand nombre de nos souvenirs nous reviennent lorsque nos parents, nos amis, ou d'autres hommes nous les rappellent.” (HALBWACHS, 1952, p. vi)

²³ Texto original: “c'est dans la société que, normalement, l'homme acquiert ses souvenirs, qu'il se les rappelle, et, comme on dit, qu'il les reconnaît et les localise.” (HALBWACHS, 1952, p. vi)

“You know what I was remembering the other day?” Ernesto says. “That trip we took to Varadero.”

“Which trip?”

“One of the last ones. To dive for lobster.”

“When the police stopped us.”

“Not the police,” Ernesto says, “some tipo from the hotel.”

Máximo nods his head slowly and then smiles. “And there I stood with a suitcase of squirming lobster.”

Ernesto laughs. “Thank God for Joaquin.”

Máximo shakes his head. “What do you mean, Joaquin? Thank God for you.”

“But Joaquin faked the epileptic attack.”

“It was you who had an attack,” Máximo says and laughs. “A real one. Asthma or something. You stopped breathing and we had to get the hotel medic to give you a shot of something.”

Ernesto stops and looks at Máximo. “You have it all wrong.”

“You have it wrong, my friend,” Máximo says.²⁴ (MENÉNDEZ, 2001, p. 190-191)

O diálogo entre Máximo e Ernesto ilustra as considerações de Linda Hutcheon acerca dos termos “fatos” e “eventos”. Hutcheon afirma que “Fatos são eventos aos quais damos significado. Perspectivas históricas diferentes consequentemente derivam diferentes fatos a partir dos mesmos eventos.”²⁵ (HUTCHEON, 2003, p. 54. Tradução minha.) Experiências, intenções e pontos de vista, por exemplo, interferem na narração de eventos. Indivíduos deslocados podem lançar mão das infinitas possibilidades de (re)construção da memória, (re)desenhando os eventos vividos e dando-lhe novos significados.

²⁴ “‘Você sabe do que eu estava me lembrando outro dia?’ Ernesto diz, ‘Daquela viagem que nós fizemos a Varadero.’ ‘Que viagem?’ ‘Uma das últimas. Para mergulhar à procura de lagosta.’ ‘Quando a polícia nos parou.’ ‘A polícia não’, Ernesto diz, ‘algum tipo do hotel.’ Máximo concorda com a cabeça e então Ernesto sorri. ‘Eu fiquei com a mala de lagostas que se contorciam.’ Ernesto ri. ‘Graças a Deus pelo Joaquin.’ ‘Máximo nega com a cabeça. ‘O que você quer dizer, Joaquin? Graças a Deus por você,’ ‘Mas Joaquin fingiu o ataque epilético.’ ‘Foi você que teve o ataque,’ Máximo diz e ri. “Um de verdade. Asma ou outra coisa. Você parou de respirar e nós tivemos que conseguir o médico do hotel para lhe dar uma injeção de alguma coisa.’ Ernesto parou e olhou para Máximo. ‘Você entendeu tudo errado.’ ‘Você é que entendeu errado’, Máximo diz.” (MENÉNDEZ, 2001, p. 190-191. Tradução minha.)

²⁵ Texto original: “Facts are events to which we have given meaning. Different historical perspectives therefore derive different facts from the same events.” (HUTCHEON, 2003, p. 54)

Uma ilustração desta forma de narrar pode ser observada na obra de Menéndez. É interessante destacar que Ernesto, ao tomar consciência de que as lembranças de Máximo não são iguais às suas, continua agarrado à sua própria versão do ocorrido, talvez para manter-se conectado a uma época perdida, cujo rememorar lhe dá prazer: “Máximo cheery and businesslike. And for him to have forgotten the details of the last good memories between the three of them. It wasn’t like him at all.”²⁶ (MENÉNDEZ, 2001, p. 191) Como que para fornecer um alento nessa nova sociedade, Ernesto mantém-se ligado às agradáveis memórias que construiu em torno de sua vida em sua terra natal. Esse sentimento mítico, experimentado pelo indivíduo em relação ao país de origem e às lembranças nele envolvidas, parece frequentemente acometer sujeitos exilados representados na literatura diaspórica.

Em sua tentativa de sobreviver em um novo contexto social, sujeitos deslocados podem construir um passado com visões distorcidas dos eventos, filtrando os fatos através de suas próprias perspectivas. Myrian Sepúlveda dos Santos destaca que “a representação do passado, que aparece aos nossos olhos como igual à matriz, trazendo a ilusão de que o passado está sendo literalmente reproduzido e encobrendo a diferença, pode ser utilizada e manipulada para atender interesses de grupos diversos.” (SANTOS, 2003, p. 186) Deve-se sinalizar que interesses individuais também podem ser satisfeitos dentro desta representação, ainda que a manipulação dos eventos possa ser realizada inconscientemente. No caso de sujeitos diaspóricos, a suposta fiel reprodução do que foi vivenciado pode ser desenvolvida à luz do desejo interior de (re)criar um passado de agradáveis lembranças na terra natal.

No conto “Her mother’s house”, por exemplo, a mãe da personagem central parece reproduzir este comportamento. O conto apresenta Lisette, uma jovem nascida em Miami dois anos após a Revolução Cubana, que viaja a Cuba para tentar conhecer a casa de sua mãe Mabella. Uma vez lá, a jovem percebe que as lembranças de sua mãe não se coadunam com a realidade com a qual Lisette se depara. Angélica Soares nos lembra do caráter imaginativo da memória: “[N]a ação de lembrar contamos com a imaginação, porque os fatos não se revivem, reconstróem-se, recriam-se nos descontínuos e lacunares movimentos temporais da rememoração.” (SOARES, 2009, p. 27) Talvez como uma maneira de lidar com sua nova realidade, a mãe de Lisette tenha acabado, mesmo que inconscientemente, por re(criar) suas memórias. De acordo com Isabel Alvarez Borland, a mãe da jovem Lisette constrói essas lembranças como uma maneira de sobreviver no exílio (BORLAND, 2009, p. 40). As lembranças (re)criadas pela mãe de Lisette não apenas contribuem na sua própria sobrevivência

²⁶ “Máximo alegre e profissional. E para ele ter esquecido os detalhes das últimas boas memórias entre os três. Isso não era do feitio dele mesmo.” (MENÉNDEZ, 2001, p. 191. Tradução minha.)

como sujeito deslocado mas também acabam por fazer parte das características identitárias de sua filha, que passa a se lembrar daquilo que nunca viveu:

She [Lisette's mother] was from a wealthy landowning family outside Varadero, who'd come fleeing Castro. (...)
"When the soldiers came for the house, I [Lisette's mother] walked straight, not turning once to look at the stained-glass windows," she cried softly now. "Not even the white columns that climbed to the second floor."
And the iron railing on the balcony where the rattan furniture was laid out for company, the clink of glasses. Lisette began to remember all of it too.²⁷
(MENÉNDEZ, 2001, p. 206-207)

Ao recordar-se também daquilo que nunca viu, Lisette exemplifica o que ocorre com muitos descendentes de exilados, já nascidos no país de destino, que tomam para si as memórias de seus pais. Louis A. Pérez Jr., observa que "as lembranças de Cuba eram (...) preservadas e passadas adiante [para os filhos], e a nostalgia dos pais se tornavam as memórias dos filhos, como se estes as tivessem vivido como suas próprias experiências."²⁸ (PÉREZ JR., 1999, p. 503. Tradução minha.) Desta forma, a mitificação da terra de origem realizada pelos pais pode ser transmitida à sua prole, contribuindo para a decisão de muitos filhos em irem ou retornarem a Cuba na tentativa, mesmo que impossível, de resgatar o que foi vivido.

Lucía M. Suárez aponta que inúmeros estudos sobre imigração mostram que "populações deslocadas frequentemente mitificam e ossificam a cultura e os hábitos do país deixado para trás."²⁹ (SUÁREZ, 2006, p. 5. Tradução minha.) Especialmente em sujeitos exilados que desfrutavam de uma favorável situação econômica, política e/ou social em seu país de origem, suas (re)criações da memória podem acabar por fomentar o sentimento de nostalgia. No conto que dá nome à coletânea, pode-se perceber uma representação desse sentimento. Máximo, que outrora ocupava uma posição renomada como professor da Universidade de Havana, ao partir para os Estados Unidos, não somente perde sua prestigiosa profissão, mas também passa a ocupar uma posição social que em nada o remete à sua antiga condição. Outro exemplo dessa mobilidade social inversa é visto no personagem Raúl, que fora garçom no

²⁷ "Ela [a mãe de Lisette] era de uma família de ricos proprietários de terra de fora de Varadero, que veio fugindo de Castro. (...) 'Quando os soldados vieram para a casa, eu [a mãe de Lisette] andei em frente, não virando uma vez para olhar para os vitrais,' ela chorava baixinho agora. 'Nem mesmo para as colunas brancas que subiam para o segundo andar.' E o corrimão de ferro na varanda, onde os móveis de vime foram colocados para as visitas, o tilintar de copos. Lisette começou a lembrar de tudo isso também." (MENÉNDEZ, 2001, p. 206-207. Tradução minha.)

²⁸ Texto original: "Remembrances of Cuba were (...) preserved and passed on [to the children], and the nostalgia of parents became the memories of children, as if these had been lived as their own experiences." (PÉREZ JR., 1999, p. 503)

²⁹ Texto original: "displaced populations often mythologize and ossify the culture and habits of the country left behind." (SUÁREZ, 2006, p. 5)

restaurante de Máximo em solo norte-americano e que havia sido contador do antigo governo cubano.

Apesar de o governo norte-americano ter oferecido apoio a muitos cubanos do movimento migratório para os Estados Unidos, especialmente aos provenientes das classes econômicas mais elevadas, inúmeros exilados enfrentaram significativas dificuldades em seu período de adaptação. María Cristina García observa que “Muitos professores cubanos também tinham dificuldade em encontrar emprego, até mesmo se fossem fluentes em inglês. (...) Até mesmo aqueles com credenciais acadêmicas adequadas e fluência no idioma não tinham certificação para ensinar.”³⁰ (GARCÍA, 1996, p. 26. Tradução minha.)

Abalados com sua nova condição, muitos imigrantes podem ser invadidos por um sentimento de nostalgia, como observado em Máximo. Tal personagem ilustra o que aconteceu com muitos imigrantes cubanos que tiveram o curso de suas vidas alterado significativamente. De acordo com María Cristina García, a nostalgia excessiva é decorrente do fato de tais imigrantes se sentirem alienados e marginalizados (GARCÍA, 1996, p. 173). García acrescenta:

Eles [os imigrantes cubanos] tiveram que se desenraizar de seus empregos, de sua terra natal, de seus amigos e vizinhos, e em alguns casos de suas famílias, e eles tiveram que se adaptar a um novo idioma, um novo status social e econômico, um novo estilo de vida. Apesar de suas tentativas de recriar no sul da Flórida a sociedade que deixaram para trás, a vida nunca mais pode ser o que foi.³¹ (GARCÍA, 1996, p. 173-174. Tradução minha.)

Ao se depararem com as condições, muitas vezes inóspitas, no país anfitrião, exilados podem ainda, em seu processo de revisita ao passado, escolher o que lembrar e o que ignorar. María Cristina García alerta que a memória nostálgica dos exilados é seletiva. Muitos deles ignoram os problemas sociais e econômicos que fomentaram a revolução cubana. Principalmente os que eram de classes mais abastadas frequentemente exageravam na descrição de suas posses e riquezas antes da revolução (GARCÍA, 1996, p. 173). Uma popular piada no

³⁰ Texto original: “Many Cuban teachers also had difficulty in finding employment, even if they were competent in English. (...) Even those with proper academic credentials and language fluency lacked the certification to teach.” (GARCÍA, 1996, p. 26)

³¹ Texto original: “They [Cuban immigrants] had to uproot themselves from their jobs, their homeland, their friends and neighbors, and in some cases their families, and they have had to adapt to a new language, a new social and economic status, a new lifestyle. Despite their attempts to recreate in south Florida the society they left behind, life can never again be what it was.” (GARCÍA, 1996, p. 173-174)

sul da Flórida ilustra como era comum esse discurso exagerado de muitos exilados cubanos. Nela, diz-se que “se os cubanos tivessem tido tanta terra antes da revolução como eles afirmam terem tido, Cuba seria do tamanho da União Soviética.”³² (GARCÍA, 1996, p. 173. Tradução minha.)

Em seu processo de adaptação à nova sociedade, sujeitos marcados pela diáspora acabam por (re)criarem seu passado, afetando, neste sentido, a construção contínua de sua própria identidade. Angélica Soares nos alerta que “Pela memória, procuramos reunir o que fomos e fizemos ao que somos e fazemos e ao que seremos e faremos, em suas permanências e mudanças. Daí que a memória coloca sempre em questão a identidade. Em última instância, afirmaríamos que memória é identidade.” (SOARES, 2009, p. 106) Para indivíduos diaspóricos, a questão da identidade é fundamental. Nos contos selecionados, podemos observar a representação de como o habitar em uma nova sociedade pelo sujeito deslocado pode contribuir para o processo de construção de sua identidade, processo este no qual a memória desempenha um relevante papel. Tais indivíduos têm que lidar com seu passado enquanto tentam dialogar com o seu presente. É importante estar atento, no entanto, que a identidade está sempre em processo, não devendo ser considerada como uma entidade solidificada. Stuart Hall nos alerta que, se temos a impressão de que possuímos uma identidade unificada desde o nosso nascimento até a morte, é porque construímos uma estória confortável ou uma narrativa do ser sobre nós mesmos (HALL, 2005, p. 598). Hall argumenta, também, que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Em vez disso, enquanto se multiplicam os sistemas de significado e representação cultural, nós somos confrontados por uma desconcertante e fugaz multiplicidade de identidades possíveis, qualquer uma com as quais poderíamos nos identificar – pelo menos, temporariamente.³³ (HALL, 2005, p. 598. Tradução minha.)

Perspectivas podem mudar de acordo com a época, o lugar, ou o histórico do indivíduo, por exemplo. Hall alerta que “em vez de se pensar em identidade como um fato já realizado (...), nós devemos pensar, em vez disso, em identidade como uma ‘produção’, que nunca está

³² Texto original: “if Cubans had had as much land prior to the revolution as they said they had, Cuba would have been the size of the Soviet Union.” (GARCÍA, 1996, p. 173)

³³ Texto original: “The fully unified, completed, secure, and coherent identity is a fantasy. Instead, as the systems of meaning and cultural representation multiply, we are confronted by a bewildering, fleeting multiplicity of possible identities, any one of which we could identify with – at least temporarily. (HALL, 2005, p. 598)

completa, sempre em processo, e sempre constituída dentro, não fora, da representação.”³⁴ (HALL, 1997b, p. 110. Tradução minha)

Nesse processo de busca de identidade, até mesmo filhos de imigrantes já nascidos no país de destino podem acabar por também desenvolver o desejo de retornar fisicamente à terra de origem de sua família como que para encontrar algo deixado para trás. No conto “Her mother’s house”, por exemplo, podemos observar uma representação desse desejo na jovem Lisette. A moça sente que a história de seu passado não está completa, embora não seja capaz de verbalizar claramente os motivos de sua decisão de ir a Cuba: “She [Lisette] wasn’t going to explain to her mother things she could barely explain to herself. How every story needed a beginning. How her past had come to seem like a blank page, waiting for the truth to darken it.”³⁵ (MENÉNDEZ, 2001, p. 210)

Lisette considera que sua própria história não dispõe de um começo e que este teria sido perdido talvez com o passado de seus pais. Lisette havia crescido ouvindo as histórias de sua mãe sobre sua vida em Cuba, em uma rica propriedade de terras com a vultosa e glamourosa casa de dois andares em que residiam: “The graceful stairway laced with gardenias in the summer, the marble fireplace her father had installed on a whim after visiting the States, the long white-shuttered windows that looked out over the gardens, the mar pacíficos, the royal palms.”³⁶ (MENÉNDEZ, 2001, p. 214) Lisette deseja poder ver o antigo quarto de sua mãe, que, conforme ela lhe havia descrito, ficava no andar de cima da casa, com uma varanda com grade ferro e uma vista para o jardim de rosas.

A personagem ilustra o que Lucía M. Suárez observa. Segundo Suárez, muitos caribenhos “retornam” à ilha de sua infância ou à ilha de seus pais “em busca de um mundo abandonado, procurando combinar as memórias emocionais da família ao lugar geográfico”.³⁷ (SUÁREZ, 2006, p. 5. Tradução minha.) Contudo, como alerta Suárez, isso não é possível, uma vez que a ilha que foi deixada tempos atrás, assim como qualquer lugar do mundo, sofreu mudanças (SUÁREZ, 2006, p. 5). Além disso, pode-se perceber em Lisette uma busca por uma lembrança de experiências que ela não viveu, mas adquiriu através de sua mãe. A memória que

³⁴ Texto original: “instead of thinking of identity as an already accomplished fact (...), we should think, instead, of identity as a ‘production’, which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation.” (HALL, 1997b, p. 110)

³⁵ “Ela [Lisette] não iria explicar para sua mãe coisas que ela mal podia explicar a si mesma. Como toda estória precisava de um começo. Como seu passado parecia como uma página em branco, esperando para a verdade escurecê-la.” (MENÉNDEZ, 2001, p. 210. Tradução minha.)

³⁶ “A graciosa escada com gardênias no verão, a lareira de mármore que seu pai havia instalado em um capricho, depois de visitar os Estados Unidos, as janelas coloniais brancas que davam para os jardins, o mar pacíficos, as palmeiras reais. (MENÉNDEZ, 2001, p. 214. Tradução minha.)

³⁷ Texto original: “in search of an abandoned world, seeking to match the emotional family memories to the geographic place.” (SUÁREZ, 2006, p. 5)

Mabella (re)construiu para si não apenas não pertence somente a ela mas também fez parte da construção da identidade de sua filha que até então não havia sequer estado em Cuba, mas sentia que precisava buscar lá o começo de sua história. Anh Hua observa que:

Em vez de impressões mentais ou semelhanças icônicas, a memória é formada através de mapeamentos mentais elaborados que mudam no decorrer do tempo. A memória é a construção ou reconstrução do que realmente aconteceu no passado. A memória é distorcida por necessidades, desejos, interesses, e fantasias. (...) A memória não revive o passado, mas o constrói. A busca pela memória é a busca por sua história. Os locais da memória são coletivos embora individuais, vivos embora mortos, nossos embora também pertencendo a outros.³⁸ (HUA, 2008, p. 198. Tradução minha.)

No caso de Lisette, o que ela vê em Cuba não corrobora as histórias que ouviu de sua mãe Mabella. Talvez receosa pela possibilidade de ter suas lembranças arrancadas dela e confrontadas pela filha, a mãe de Lisette não havia apoiado sua decisão de ir a Cuba: “She [Lisette] wouldn’t find the answers to her failures, if that’s what she thought. (...) Cuba’s changed, it’s not the Cuba I was born in, her mother had said. And then finally, It’s a mistake for you to go now.”³⁹ (MENÉNDEZ, 2001, p. 211) Mabella, assim como Ernesto em “The party”, parece ansiar por manter suas próprias versões sobre o passado e a ida de sua filha à sua casa de infância pode colocar em risco seu desejo. Ao deparar-se com a casa da infância de sua mãe, Lisette se dá conta que aquela não é casa de suas lembranças: “it could not be the house she had come all this way to see. (...) The house of someone’s imaginings, a different story.”⁴⁰ (MENÉNDEZ, 2001, p. 218-219) A casa que Lisette vê apresenta pequenas janelas em paredes irregulares, travas de ferro, e ladrilhos vermelhos, e não mármore como figurava nos antigos relatos de sua mãe.

Nada naquela propriedade remete à luxuosa descrição feita por Mabella durante sua vida nos Estados Unidos. Em um primeiro momento, Lisette considera que sua mãe mentiu para

³⁸ Texto original: “Rather than mental imprints or iconic likeness, memory is formed through elaborate mental mappings that change over time. Memory is the construction or reconstruction of what actually happened in the past. Memory is distorted by needs, desires, interests, and fantasies. (...) Memory does not revive the past but constructs it. The quest for memory is the search for one’s history. Sites of memory are collective yet individual, living yet dead, ours yet also belonging to others.” (HUA, 2008, p. 198)

³⁹ “Ela [Lisette] não encontraria as respostas para seus fracassos lá, se é isso que ela pensou. (...) Cuba mudou, não é a Cuba onde eu nasci, sua mãe tinha dito. E então finalmente, É um erro você ir agora.” (MENÉNDEZ, 2001, p. 211. Tradução minha.)

⁴⁰ “[Ela] não poderia ser a casa que ela tinha vindo até aqui para ver. (...) A casa da imaginação de alguém, uma estória diferente. ” (MENÉNDEZ, 2001, p. 218-219. Tradução minha.)

ela durante todos aqueles anos: “So she lied for years. So she lied!”⁴¹ (MENÉNDEZ, 2001, p. 220) Na casa em que sua mãe residia em Cuba, Lisette atravessa o estreito corredor que sai da cozinha e que conecta uma pequena sala de estar a dois quartos nos fundos. Levada ao antigo quarto de sua mãe, Lisette observa o pequeno aposento ainda com sua estreita cama e o pequeno tapete.

No retorno da filha aos Estados Unidos, os pais de Lisette dão uma festa à qual comparecem vários familiares. Todos perguntam sobre a viagem de Lisette, especialmente sobre a casa. A única que permanece calada é Mabella. Olhando diretamente para sua mãe, Lisette declara: “‘Everything was the same,’ (...) ‘The stairway, the balconies. Even the marble fireplace. Somehow, it all made it through the revolution.’ (...) ‘And the long white-shuttered windows that looked over the rose garden still let in the very brightest sunshine.’”⁴² (MENÉNDEZ, 2001, p. 228) Lisette, nessa passagem, acolhe e abraça os relatos de sua mãe mesmo que eles não tenham correspondido à realidade com a qual se deparou em Cuba.

Uma leitura da mudança de postura de Lisette pode ser o seu reconhecimento de que as lembranças contadas por sua mãe acabaram, de uma maneira ou de outra, por fazerem parte da construção de sua própria identidade. Nesse sentido, tais memórias compõem a história de Lisette e retirá-las de sua mãe significaria, de certa forma, retirá-las de si mesma. Annette Kuhn observa:

Contar histórias sobre o passado, nosso passado, é um momento chave na construção de nossos seres. Na medida em que a memória fornece sua matéria-prima, tais narrativas de identidade são moldadas tanto pelo o que é deixado fora do relato – seja ele esquecido ou seja ele reprimido – quanto pelo o que realmente é dito.⁴³ (KUHN, 2007, p. 231. Tradução minha.)

Lisette acaba por acompanhar sua mãe Mabella na trilha das memórias que construiu no decorrer dos anos como exilada. Isabel Alvarez Borland argumenta que, ao ter ido a Cuba em busca de detalhes oficiais para as histórias de sua mãe, Lisette descobre uma verdade que ela não

⁴¹ “Então ela mentiu durante anos. Então ela mentiu!” (MENÉNDEZ, 2001, p. 220. Tradução minha.)

⁴² “‘Tudo estava igual,’ (...) ‘A escada, as varandas. Até mesmo a lareira de mármore. De alguma maneira, tudo consegui se manter durante a revolução.’ (...) ‘E as grandes janelas coloniais brancas que dão para o jardim de rosas ainda deixam entrar os raios de sol mais brilhantes.’” (MENÉNDEZ, 2001, p. 228. Tradução minha.)

⁴³ Texto original: “Telling stories about the past, our past, is a key moment in the making of our selves. To the extent that memory provides their raw material, such narratives of identity are shaped as much by what is left out the account – whether forgotten or repressed – as by what is actually told.” (KUHN, 2007, p. 231)

pretendia encontrar e opta por deixar a ilusão sobreviver sobre a verdade. Borland acrescenta que, apesar disso, Lisette “não possui a capacidade para o tipo de auto-engano que havia fornecido à sua mãe uma maneira de sobreviver no exílio.”⁴⁴ (BORLAND, 2009, p. 39. Tradução minha.)

Para sujeitos deslocados, a busca pela construção de sua própria memória e, através dela, de sua identidade diaspórica está significativamente presente. Memórias ou seus fragmentos são uma importante fonte para se desenvolver uma conexão com seu próprio passado. De acordo com Vijay Agnew:

Memórias estabelecem uma conexão entre nosso passado individual e nosso passado coletivo (nossas origens, herança, e história). O passado está sempre conosco, e define nosso presente; ressoa em nossas vozes, paira sobre nossos silêncios, e explica como nós chegamos a ser nós mesmos e a habitar o que nós chamamos de “nossos lares”.⁴⁵ (AGNEW, 2008, p. 3. Tradução minha.)

O sujeito diaspórico pode lançar mão das inúmeras possibilidades de (re)construção de suas memórias na tentativa de sobreviver em um novo contexto social e (re)estabelecer uma conexão com o seu passado. Indivíduos deslocados podem lançar mão do rico instrumental fornecido pela (re)criação da memória, construindo um caminho que liga à sua terra natal pavimentado por elementos que transcendem questões geográficas. María de los Angeles Torres atenta para o fato de que, na experiência do exílio, a questão do conceito de lar está fortemente conectada à memória, ocorrendo uma “busca por um espaço entre a memória e a reflexão onde as fronteiras claramente marcadas politicamente entre exílio e nação se embaraçam.”⁴⁶ (TORRES, 2003a, p. 4) Torres acrescenta:

Se exílio é viver em um lugar onde não há a casa na qual fomos crianças, nação deve ser o lugar onde esta casa ainda existe. Por que *lar* tem que ser construído em um local geográfico? De fato, os lares de nossa infância

⁴⁴ Texto original: “[Lisette] doesn't have the capability for the kind of self-deception that had provided her mother a way to survive her life in exile.” (BORLAND, 2009, p. 39)

⁴⁵ Texto original: “Memories establish a connection between our individual past and our collective past (our origins, heritage, and history). The past is always with us, and it defines our present; it resonates in our voices, hovers over our silences, and explains how we came to be ourselves and to inhabit what we call ‘our homes’.” (AGNEW, 2008, p. 3)

⁴⁶ Texto original: “search for a space between memory and reflection where the clearly demarcated political boundaries between exile and nation blur.” (TORRES, 2003a, p. 4)

mantêm-se de pé em nossas memórias e permanecem intactos quando nós os revisitamos quando adultos. Até mesmo seus tamanhos como nos lembramos deles na nossa infância permanecem intactos em nossas memórias, apesar de eles serem na realidade muito menores do que quando nós os re-experimentamos quando adultos. Assim nações também vivem em nossas memórias, não somente nas zonas geográficas fraturadas politicamente.⁴⁷ (TORRES, 2003a, p. 4-5. Itálico no original. Tradução minha.)

Os contos selecionados para este artigo oferecem um recorte do retrato da diáspora cubana contemporânea nos Estados Unidos. A maneira pela qual indivíduos deslocados lidam com sua condição diaspórica se apresenta diversa. Contudo, é inegável o importante papel que a memória desempenha na experiência do exílio, mesmo para seus descendentes já nascidos na sociedade de destino. Possuir raízes em um país e viver em outro constituem esses sujeitos e contribuem para a formação de sua identidade. Tais indivíduos têm que lidar com o seu passado ao mesmo tempo em que tentam lidar com o presente. Alguns retornam à sua terra natal única e exclusivamente através da memória, outros necessitam ainda retornar fisicamente ao país de origem, mesmo que depois reconheçam que a sua presença literal no país de origem não é preciso para resgatar o seu passado, sua história.

Durante sua estadia em Cuba, María de los Angeles Torres afirma que compreendeu que ela não havia perdido seu passado cubano, porque ele estava com ela a despeito de onde ela residisse fisicamente. (TORRES, 2003b, p. 56) Mesmo que distanciados fisicamente de sua terra natal, sujeitos diaspóricos podem lançar mão da “natureza ilimitável da memória” (SOARES, 2009, p. 14) a fim de encontrarem, ou (re)construírem, um local harmonioso que lhes forneça instrumental para lidar com sua experiência de indivíduo deslocado. As palavras de María de los Angeles Torres que encerram o presente artigo oferecem um valioso panorama da diáspora contemporânea e do relevante papel desempenhado pela memória nesse processo:

Era o meu passado, enraizado em mais de cinco gerações de parentes sepultados nessa bela ilha do Caribe. Eu também passei a aceitar que eu não poderia mudar meu passado, ele era como era. A herança, as memórias, o destino. Eu não tinha que perder meu elo com o passado para um com o meu

⁴⁷ Texto original: “If exile is to live in a place where there is no house in which we were children, nation must be the place where this house still exists. Why does *home* have to be constructed in one geographical place? Indeed, the homes of our childhood stand erect in our memories and remain intact when we revisit them as adults. Even their sizes as we remember them from a childhood remain intact in our memories, although they are in reality much smaller when we re-experience them as adults. Thus, nations also live in our memories, not only in politically fractured geographical zones.” (TORRES, 2003a, p. 4-5. Italics in the original.)

presente. Eu simplesmente tinha que encontrar um local tranquilo onde eu poderia desfrutar minhas memórias. E onde meus fantasmas poderiam mais uma vez dançar *el guaguancó*.⁴⁸ (TORRES, 2003b, p. 56. Tradução minha.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNEW, Vijay. "Introduction". In: _____ (Ed.). *Diaspora, memory, and identity: a search for home*. Toronto: University of Toronto Press, 2008, p. 3-17.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, EDUSP, 1987.

BORLAND, Isabel Alvarez. "Figures of identity: Ana Menéndez's and Guillermo Cabrera Infante's photographs". In: BORLAND, Isabel Alvarez; BOSCH, Lynette M. F. (Eds.). *Cuban-American literature and art: negotiating identities*. New York: SUNY Press, 2009, p. 31-45.

CLIFFORD, James. "Diasporas". In: _____. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997, p. 244-277.

GARCÍA, María Cristina. *Havana USA: Cuban exiles and Cuban Americans in South Florida, 1959-1994*. Berkeley: University of California Press, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

⁴⁸ Texto original: "It was my past, rooted in over five generations of relatives buried on that beautiful island in the Caribbean. I also came to accept that I could not change my past, it was as it was. The heritage, the memories, the fate. I did not have to forfeit my link to the past to become one with my present. I merely had to find a peaceful place where I could enjoy my memories. And where my ghosts could once again dance *el guaguancó*." (TORRES, 2003b, p. 56)

_____. *A memória coletiva*. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2008.

HALL, Stuart. "New ethnicities". In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. (Eds.). *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1997a, p. 223-227.

_____. "Cultural identity and diaspora". In: MONGIA, Padmini (Ed.). *Contemporary Postcolonial Theory: a reader*. Arnold: London, 1997b, p. 110-121.

_____. "The question of cultural identity". In: _____ et al (Eds.). *Modernity: an introduction to modern societies*. Malden: Blackwell Publishing, 2005, p. 595-634.

HUA, Anh. "Diaspora and cultural memory". In: AGNEW, Vijay (Ed.). *Diaspora, memory, and identity: a search for home*. Toronto: University of Toronto Press, 2008, p. 191-208.

HUTCHEON, Linda. *A poetics of postmodernism: history, theory, fiction*. London: Routledge, 2000.

_____. *The politics of postmodernism*. New York: Routledge, 2003.

KUHN, Annette. "From family secrets: acts of memory and imagination". In: ROSSINGTON, Michael; WHITEHEAD, Anne (Eds.). *Theories of memory: a reader*. Baltimore: Johns Hopkins, 2007, p. 230-235.

McKINLEY JR., James C. "At Cuba helm, Castro brother stays the course". *The New York Times*, New York, February 25th, 2008. Disponível em:
<http://www.nytimes.com/2008/02/25/world/americas/25cuba.html>. Acesso: 05 Jan, 2012.

MENÉNDEZ, Ana. "In Cuba I was a German shepherd". In: _____. *In Cuba I was a German shepherd*. New York: Grove Press, 2001, p. 1-29.

_____. "The party". In: _____. *In Cuba I was a German shepherd*. New York: Grove Press, 2001, p. 181-202.

_____. "Her mother's house". In: _____. *In Cuba I was a German shepherd*. New York: Grove Press, 2001, p. 203-229.

PÉREZ JR., Louis A. *On becoming Cuban: identity, nationality and culture*. New York: HarperCollins Publishers, 1999.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SOARES, Angélica. *Transparências da memória/estórias de opressão: diálogos com a poesia brasileira contemporânea de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

STATEN, Clifford L. *The History of Cuba*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

SUÁREZ, Lucía M. *The tears of Hispaniola: Haitian and Dominican diaspora memory*. Gainesville: University Press of Florida, 2006.

THOMAS, Hugh. *Cuba: la lucha por la libertad*. Tradução: Neri Daurella. Barcelona: Debate, 2005.

TORRES, María de los Angeles. "Introduction". In: _____ (Ed.). *By heart/De memoria: Cuban women's journeys in and out of exile*. Philadelphia: Temple University Press, 2003a, p. 1-13.

_____. "Donde los Fantasmas bailan guaguancó: Where ghosts dance el guaguancó". In: _____ (Ed.). *By heart/De memoria: Cuban women's journeys in and out of exile*. Philadelphia: Temple University Press, 2003b, p. 23-56.

TORRES, Sonia. *Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.